

11. Medios y Comunicación Universitaria

Mulher negra e famosa: uma análise do discurso racista em comentários publicados no Facebook

Mantovani, Amanda; Ribeiro, Eriplane

amandamantovani25@gmail.com; erislanerr@gmail.com

Licenciatura em Letras - Português e Inglês

Universidade Federal de Goiás / Regional Catalão

Resumen

Vinculado ao Projeto *Da margem ao centro: discursos sobre as minorias nas mídias sociais*, este trabalho tem como objetivo analisar a constituição do discurso racista presente em comentários sobre mulheres negras famosas, publicados em páginas do Facebook, as condições de produção que fomentaram tais enunciados com juízos de valor e também o posicionamento social e ideológico dos sujeitos que postam comentários preconceituosos contra as mulheres negras e famosas. O *corpus* é constituído por quatorze (14) comentários relativos a dois casos ocorridos em 2015, nos quais a jornalista Maria Júlia Coutinho, no perfil do JN, e a atriz Taís Araújo, em seu perfil social, foram alvo de ataques racistas no Facebook. O estudo foi desenvolvido através de embasamento teórico advindo da Análise do discurso pecheutiana, com base, especialmente, nos textos do próprio Pêcheux (1990), (2011) e em trabalhos desenvolvidos por Maingueneau (2015), Mussalim (2004), Orlandi (2006), (2012) e Possenti (2001), (2004), e propõe uma reflexão acerca da relação entre o gênero comentário e os efeitos de sentido nele produzidos por sujeitos sob certas condições de produção. Um dos resultados levantados é o de que, no *corpus* analisado, o discurso racista e o discurso machista fundem-se em enunciados proferidos por sujeitos que, condicionados por um longo histórico escravocrata e uma sociedade tradicionalmente patriarcal, a um só tempo, parecem pretender depreciar a imagem da famosa tanto por ser negra quanto por ser mulher.

Palabras clave: Discursos, Mulher, Preconceito racial, Mídia

Introducción

Com o desenvolvimento tecnológico e a consequente popularização das mídias sociais, têm-se desencadeado inúmeros ataques às minorias sociais, como pessoas negras e mulheres. A expansão das mídias e a constante exposição pessoal, a liberdade de expressão, via internet, têm servido para a difusão de discursos em que são recorrentes juízos de valor depreciativos que nem sempre são punidos perante a lei. Recentemente, um episódio que intrigou e causou inúmeros comentários nas redes sociais foi o ataque racista à filha dos atores Bruno Gagliasso e Giovanna Ewbank, Titi, de apenas três anos. Ela foi vítima de internautas inconformados com a adoção da garotinha africana, mas seus pais imediatamente recorreram à justiça, que identificou os criminosos e, para a surpresa de todos, um deles era uma adolescente também negra de apenas quatorze anos. Citando outro acontecimento, próximo do lançamento do filme da saga Star Wars, fãs norte-americanos manifestaram, por meio da hashtag #BoycottStarWarsVII, insatisfação com a presença de um ator negro no elenco. Após a hashtag ser difundida, internautas de várias partes do mundo demonstraram repúdio ao acontecido. Por outro lado, campanhas destinadas ao combate da desigualdade

racial e favoráveis ao empoderamento feminino tiveram maior repercussão e visibilidade através de plataformas, como o Facebook, o Twitter e o Whatsapp.

O ano de 2015 foi repleto de casos semelhantes, em que mulheres negras e famosas tiveram perfis sociais no Facebook como alvo para comentários preconceituosos. Esses acontecimentos são reflexo da historicidade brasileira sobre “o ideal da branquidade e a mestiçagem” (DIJK, 2008, p.74), do período da escravidão e da continuidade da ilusão de superioridade entre cores da pele, unidas ao patriarcado, levando tais celebridades a ficarem ainda mais susceptíveis aos ataques, por terem tamanha visibilidade, tanto no âmbito pessoal, quanto em sua vida profissional.

No Brasil, ainda em 2015, dois casos consecutivos de ataques racistas foram noticiados, reforçando a ideia de que mulheres negras e famosas se tornaram mais vulneráveis a esse tipo de violência. No dia 01 de julho, desencadeou-se uma série de comentários ofensivos à jornalista Maria Júlia Coutinho na página oficial do Jornal Nacional no Facebook, a partir da postagem de uma imagem da apresentadora da previsão do tempo do referido jornal.

Figura 1: Maria Júlia Coutinho / Foto publicada no perfil do JN no Facebook da qual foi alvo de comentários com juízos negativos de valor, no dia 03/07/2015.



Extraído do perfil do JN no Facebook;
Data: 03/07/2015

Após esse acontecimento, no dia 31 de outubro, o alvo de internautas preconceituosas foi o perfil de Taís Araújo, a partir de uma foto publicada pela atriz.

Imagem 2: Taís Araújo / Foto alvo de comentários com juízos negativos de valor, publicada no dia 01/11/2015.



Extraído do perfil de Taís Araújo no Facebook; Data: 01/11/2015.

Ambas as artistas receberam apoio de colegas de trabalho, amigos, fãs e familiares, que deram ainda mais visibilidade aos casos e incentivos para que os acontecimentos de cunho racista fossem direcionados às autoridades.

Posteriormente, atrizes como Cris Vianna e Sheron Menezes também foram vítimas de tais discursos preconceituosos por meio de comentários publicados em suas redes sociais.

Diante do quadro problemático apresentado, nota-se a necessidade de reflexão, sem distinção entre as esferas sociais, em prol dos direitos das pessoas negras, entre eles, o direito de se expressar livremente, sem o risco de, com isso, dar início a uma onda de ofensas e injúrias. Assim, é fundamental que nas escolas, nas igrejas, nas famílias, nas diversas mídias e nas demais instituições haja espaço para o diálogo no sentido de se legitimar as conquistas históricas e os direitos dos negros frente a um passado de submissão e opressão.

A partir da coleta de posts, notícias e comentários a respeito dos casos Majú e Taís, este trabalho foi desenvolvido através de embasamento teórico advindo da Análise do discurso de linha francesa (AD), já que, atualmente, tal disciplina não se ocupa mais apenas da análise de discursos políticos e/ou institucionais, importando-se com a reflexão acerca do ordinário dos sentidos. Refletindo acerca da relação entre as sequências discursivas selecionadas e os sentidos nelas produzidos, a presente pesquisa requer uma teoria em que os conceitos de condições de produção, sujeito, efeito de sentido e interdiscursividade sejam centrais. Para a AD, esses conceitos são fundamentais e são especialmente

desenvolvidos nos textos publicados por Pêcheux (1990), (2011), Maingueneau (2015) e em trabalhos desenvolvidos por estudiosos da AD no Brasil, como Mussalim (2004), Orlandi (2006), (2012) e Possenti (2001), (2004), autores que compõem a bibliografia básica desta pesquisa.

Objetivos

As recentes manifestações discursivas de preconceito contra as mulheres negras em páginas sociais decorrem de condições propícias para seu aparecimento. A Análise do discurso busca verificar por meio da noção das Condições de Produção (CP) tais evidências, procurando explicitar os aspectos sociais, ideológicos, a concepção de mundo de determinados sujeitos pertencentes a um momento histórico-social, já que acompanham as transformações políticas e sociais que formam os sujeitos no decorrer do tempo, e que proporcionam a realização do discurso e daquilo que o envolve. Fernandes (2005, p.14) deixa claro como esse mecanismo é concebido na perspectiva da AD:

Como atesta Robin (1973), busca-se verificar, a partir de enunciados efetivamente produzidos em determinada época e lugar, as condições de possibilidade do discurso que esses enunciados integram. Isto equivale a dizer que as transformações históricas possibilitam-nos a compreensão da produção

dos discursos, seu aparecimento em determinados momentos e sua dispersão.

É neste âmbito que deve ser observado o porquê de alguns discursos predominarem em determinado momento e não em outro. A AD se dispõe como instrumento para que essa análise seja possível, principalmente por considerar essas circunstâncias de produção, analisando, em diversos *corpora*, as escolhas das palavras que os sujeitos fazem inconscientemente e que interferem na produção de sentidos e na constituição dos discursos. É por meio também das condições de produção que é possível relacionar a historicidade, presente em cada sequência selecionada do *corpus*, à ideologia que o sujeito possui ao pronunciar-se.

Orlandi (2006, p. 15) subdivide essas circunstâncias de produção em duas, representando-as no sentido lato e no sentido estrito: “Em sentido estrito ela compreende as circunstâncias da enunciação, o aqui e o agora do dizer, o contexto imediato. No sentido lato, a situação compreende o contexto sócio-histórico, ideológico, mais amplo.” Visto isso, relacionando-se ao *corpus* do trabalho, em sentido lato todos os fatores históricos que compreendem a raça negra, a constante luta por igualdade e o pensamento retrógrado que ainda se mantém sobre a cor e o lugar social dessas pessoas estão inclusos.

Além do mais, é válido ressaltar o momento histórico que o Brasil passava: a crise política, os ataques contra a ex-presidente Dilma, tanto por ser mulher quanto por ocupar tal cargo que, até então, não teria sido regido por uma mulher, causaram imensa movimentação nas redes sociais e na mídia como um todo. Inúmeros ataques contra Dilma foram feitos, revistas como a *Veja* estamparam em suas capas fotos da ex-presidente com legendas que a caracterizavam como descontrolada por ser mulher e frágil quanto aos seus hormônios, insinuava que, por esse motivo, não era competente para governar o país. Movimentos feministas em defesa da mulher, sem especificações de quem fossem essas mulheres, seja no que diz respeito à raça, sexualidade ou posição social, foram iniciados frente a web.

Voltando-se para o sentido estrito, o ano de 2015 passava por problemas relacionados à intolerância com relação a vários sujeitos, desde jogadores de futebol, artistas e até mesmo crianças. O jogador Daniel Alves foi vítima de torcedores do Espanyol que, por diversas vezes, atacaram-no e designaram-no como macaco. Diante das diversas atitudes racistas vivenciadas em 2015, o apoio dos internautas foi considerável, saindo das novas mídias até a televisão, incitando em todo o mundo o uso de hashtags em apoio às vítimas, exemplo disso, foram as hashtags em favor de Maju e Taís: #ForçaMaju e

#SomosTodosTaís. Isso tudo fez de 2015 um ano em que a luta para a igualdade feminina se destacou, em prol, principalmente, da segurança das mulheres, marcadas por uma trajetória de agressões físicas e verbais diariamente. Num contexto em que impressionam os números assustadores de homicídios por causas ligadas a ciúmes e intolerância masculina no círculo familiar e/ou doméstico.

Adiante, restringindo-se ao corpus selecionado para a realização das análises, inicialmente foi escolhida nas páginas do Facebook (no JN sobre Maria Júlia e no perfil de Taís), uma série de comentários que foram publicados a partir das fotos das artistas anteriormente mencionadas, observando a recorrência de sequências discursivas que visavam prejudicá-las. Foram separados, aproximadamente, trinta (30) comentários para a constituição de um *macro corpus* e pôde ser observado que a frequência de ataques relacionados à cor da pele, à aparência do cabelo crespo/encaracolado, à posição social que elas ocupam e o fato de serem mulheres era considerável, logo, essa recorrência foi utilizada como critério para a seleção.

Com base, portanto, no critério da regularidade, o *corpus* foi selecionado e restringido a (quatorze) 14 comentários que possuem relação uns com os outros e é “constituído de sequências discursivas produzidas por um locutor/vários locutores” (COURTINE, 2009, p.57).

Esses comentários formam o *micro corpus* deste trabalho e a partir desta relação que pôde ser identificada a presença de famílias parafrásticas, outro conceito da AD, que foi recurso indispensável para a análise das sequências discursivas. Acerca deste conceito Pêcheux e Fuchs (1993, p. 167) explicam:

Queremos dizer que, para nós, a produção do sentido é estritamente indissociável da relação de paráfrase entre sequências tais que a família parafrástica destas sequências constitui o que se poderia chamar a 'matriz do sentido'. Isto equivale a dizer que é a partir da relação no interior desta família que constitui o efeito de sentido [...]

Outra evidência analisada para a seleção destes comentários foi o uso de diferentes expressões, pelos sujeitos discursivos, que poderiam ser substituídos por outras, mas que por questões ideológicas, históricas e sociais foram escolhidas por estes sujeitos para referir-se às mulheres de forma pejorativa.

Materiales y Métodos

A análise do discurso (AD) teve início a partir de discussões sobre a ideologia (História), o sujeito (Psicanálise) e a língua (Linguística) frequentes na França, por volta dos anos 60. Conforme relata Maldié (1994, *apud* MUSSALIM, 2004, p.101), a AD teve como precursores Jean Dubois, linguista envolvido em

questionamentos linguísticos pertencentes àquele momento e o filósofo Michel Pêcheux, envolvido em questões sobre o estruturalismo, o marxismo e a psicanálise. Ambos tinham convicções em comum sobre a luta de classes, a história e o movimento social, logo o estudo da AD surge entreposto a um projeto político, em que a linguística ofereceria maneiras para abordar a política.

Na perspectiva estruturalista, a língua, como objeto de pesquisa, não sofre influências externas, sendo entendida como um sistema fechado e regularmente estruturado, e é nesse âmbito que o objeto para a Análise do discurso é definido e se instaura na época (MUSSALIM, 2004, p.101-103). Segundo Pêcheux (1990, p.70), discurso é uma "sequência lingüística fechada sobre si mesma, mas que deve ser referida ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção". Assim, prezava por observar as circunstâncias para que a ciência escolhesse um objeto e qual o propósito da escolha. Pêcheux (1969 *apud* MUSSALIM, 2004, p.105-107) analisou as teorias do marxismo, e considerou insuficiente a teoria de língua e fala de Saussure, justificando que esta não levava em consideração a exterioridade da língua, instaurando então um sistema de análise automática do discurso. Pode-se dizer que a Análise do Discurso de linha francesa considera a interferência que as ideologias e a história têm sobre o

sujeito, que estes sujeitos são, de certa forma, predeterminados a dizer ou não, algo.

No entanto, esta mesma linha de estudo passou por três distintas fases de estudo que Pêcheux (1990, p.307-311) intitula: “AD-1 como exploração metodológica da noção de maquinaria discursivo-estrutural; AD-2: da justaposição dos processos discursivos à tematização de seu entrelaçamento desigual e AD-3: A emergência de novos procedimentos da AD, através da desconstrução das maquinarias discursivas”. É imprescindível ressaltar, também, que o discurso como objeto de pesquisa não se baseia no ato da fala e nem na língua. Desta forma, ele pode ser retratado como a exterioridade da língua, sendo todos os aspectos sociais e ideológicos do homem, que ficam marcados no processo de enunciação. Logo, vê-se que o discurso não é apenas a linguagem, mas necessita dela para existir, trata-se da materialização da língua, juntamente com todos os aspectos sociais, históricos e ideológicos que envolvem os sujeitos.

O discurso, como objeto de pesquisa da AD, necessita do texto como materialização da língua, materialidade essa que direcionará o pesquisador a adentrar-se pela discursividade presente no texto, levando-o a analisar certos efeitos de sentido produzidos e quais elementos exteriores estarão presentes neste discurso. Ainda sobre o assunto,

Orlandi (2006, p.17) elucida que: “O discurso é a materialidade específica da ideologia e a língua é a materialidade específica do discurso”. É neste aspecto que expressões, palavras e elementos constituintes do texto não são compreendidos pela AD em sentido literal, mas passam a ser analisados com base no discurso em que estão inseridos.

A partir da análise de expressões ou sequências discursivas, os efeitos de sentido podem ser interpretados. Nesta acepção, Possenti (2004, p. 371) diz que “[...] o sentido de uma palavra (ou expressão mais ou menos equivalente) se resolve na medida em que uma delas pode ser substituída por outra, no interior de uma certa formação discursiva.” Logo, é importante compreender a possibilidade de distintos efeitos de sentido produzidos por meio do emprego das palavras, uma vez que são empregadas sob determinadas condições de produção, por determinados sujeitos e com certa finalidade, pois nenhum discurso é neutro, havendo sempre um posicionamento ideológico a partir do qual os sujeitos enunciam. Ainda com base no autor, a respeito dessa possibilidade de substituição de um termo ou expressão por outros em dada sequência discursiva:

Pêcheux (1969: 94-5) expõe um procedimento cujo objetivo é permitir, analisando uma superfície discursiva, descobrir vestígios do processo de produção de um discurso. Esboça uma teoria do efeito metafórico, nos seguintes termos: sejam os termos x e y, pertencentes a

uma mesma categoria de uma língua L. Existe pelo menos um discurso no qual x e y possam ser substituídos um pelo outro, sem mudar a interpretação desse discurso? (POSSENTI, 2004, p. 372)

A noção de efeito de sentido que se forma no discurso está indissociável e inerente ao sujeito discursivo, uma vez que por dadas condições de produção, este é responsável pelo dito e é inconscientemente levado a utilizar de certos termos e expressões em seus enunciados. Mas o que seria de fato, para a Análise do discurso, esse sujeito discursivo? É a noção de um sujeito/locutor observado em sua pluralidade e a partir disso, a ideia de que o sujeito discursivo é condicionado pelo discurso e não o contrário. Ele é constituído por formações discursivas, por ideologias e preceitos advindos do contexto social e histórico no qual está inserido. Por este ângulo, Possenti (2004, p. 388) sintetiza que “a AD rompe com a concepção de sujeito uno, livre, caracterizado pela consciência (isto é, sem inconsciente, sem ideologia) e tomado como origem”.

Com a expansão das mídias e as novas formas de escrita, estes discursos são identificados também em outras materialidades em forma de novos gêneros digitais, como os memes, posts e comentários publicados em diversas redes sociais como o Facebook, o Twitter e o Instagram, além de ferramentas utilitárias mundialmente utilizadas para dar

agilidade no processo da escrita e na relação entre indivíduos, sendo eles: e-mails, PowerPoint, blogs e fóruns. Todos, meios que a Web oferece e que automaticamente incitam a novas expressões em detrimento de outras, um mundo paralelo e próprio da internet que tem como principal finalidade a agilidade no processo interativo. Segundo Maingueneau (2015, p.175-176):

Em um *site* de informação, os módulos textuais, em sua maior parte, não são assinados; muito frequentemente, são recortes de textos de agências especializadas que, por sua vez, não têm autor identificável. A redação e a publicação, renovada sem cessar, do pregão da bolsa ou da meteorologia, são o resultado de uma série de procedimentos automáticos.

Tal inconstância faz com que essa nova textualidade se distancie da escrita padrão e estável, pois é marcada pela atualização de textos, e de manchetes a todo tempo. É a agilidade e a possibilidade de mudança que faz da escrita via redes sociais algo volátil e, ao mesmo tempo, acessível quanto aos dados de publicação, acesso do leitor, datas e horas em que atualizações foram feitas, além de URL para entrada. Refletindo sobre a identidade das novas textualidades, Chartier (2012, p.12-13 *apud* Maingueneau, 2015, p. 163) afirma que:

os discursos não estão mais inscritos em objetos que permitem classificá-los,

hierarquizá-los e reconhecê-los em sua identidade própria. O mundo digital é um mundo de fragmentos descontextualizados, justapostos, indefinidamente recomponíveis, sem que haja necessária ou desejável a compreensão da relação que os inscreve na obra da qual são extraídos.

Adentrando na textualidade midiática e restringindo-se aos posts e comentários feitos nas diversas redes sociais, a ideia de liberdade de expressão através da internet tem ampliado um cenário preocupante, em que comentários de caráter preconceituosos e ofensivos são constantemente lançados nas redes sociais.

Resultados y Discusión

Os comentários abaixo foram coletados com o propósito de se realizar um estudo de cunho analítico, descritivo de caráter interpretativista a partir dos mesmos. É analítico porque, com base nas noções teóricas mencionadas, é feita uma análise pormenorizada dos comentários selecionados. É descritivo, pois houve uma descrição dos discursos que se interseccionam na constituição do discurso racista sobre a mulher famosa, bem como das condições em que tais discursos são produzidos. E é, também, interpretativista, visto que, a partir do viés teórico da AD, inevitavelmente, o pesquisador lança um olhar subjetivo sobre seu objeto de estudo.

O processo no qual se definiu o *corpus* e que foi utilizado para a realização deste estudo engloba tanto a seleção do *macro corpus*, como também e, posteriormente, a definição do *micro corpus* efetivamente analisado, ambos seguindo os critérios mencionados anteriormente; também a identificação das sequências discursivas presentes nos comentários a serem analisadas, além daquelas com juízos de valor negativos e, por fim, a análise pormenorizada dessas, com a aplicação dos conceitos da AD para as possíveis interpretações do surgimento destes comentários e do uso de determinadas palavras e expressões pelos sujeitos discursivos em dada situação.

A seguir, são apresentadas as quatorze (14) sequências discursivas selecionadas para as análises. Primeiramente, podem ser vistos seis (06) trechos de comentários produzidos sobre a jornalista Maria Júlia Coutinho. Em seguida, vêm-se oito (08) sequências escritas sobre a atriz Taís Araújo.

Comentários na página social do JN via Facebook a respeito de Maria Júlia Coutinho:

- (1) “Só conseguiu entrar no JN Por causa das cotas, preta macaca”
- (2) “Tempo branco? Mentira, sua preta.”
- (3) “Vai tomar banho e tirar essa cor preta e suja do seu corpo sua macaca”

(4) “Como saber se o alimento favorito desta negra é uma banana?”

(5) “Não tenho tv colorida pra ficar olhando essa preta não”

(6) “Ela já nasceu de luto”

Comentários na página pessoal de Taís Araújo:

(7) “Entrou na globo por causa das cotas”

(8) “Cabelo de parafuso enferrujado”

(9) “Pensava q o facebook era pra humanos não pra macaco”

(10) “Vai lavar louça com esse cabelo”

(11) “Já voltou da senzala?”

(12) “Não sabia que no zoológico tinha câmera”

(13) “Esse cabelo de esfregão”

(14) “Pode ser mais clara?”

Pode-se notar claramente que em (1) e (7), o discurso satírico sobre as ações afirmativas (cotas), que são projetos governamentais que visam atingir a equidade social e diminuir o abismo socioeconômico presente na sociedade brasileira, em relação à jornalista Maria Júlia Coutinho na página do JN e, pouco tempo depois, no perfil de Taís Araújo faz-se presente. O sujeito discursivo assume uma posição ideológica de desprezo pelo sistema e nega a competência dessas

mulheres negras que exercem suas profissões na emissora Rede Globo, fazendo surgir, por meio do interdiscurso, discursos relacionados à posição social que as mulheres devem ocupar na sociedade, relacionados a valores machistas, como a posição de dona de casa, cuidadora do lar e do marido, que vão de embate às posições de prestígio que estas ocupam na emissora.

Adiante, as expressões “preta”, “negra”, “mais clara”, “de luto” identificadas nas sequências (2), (3), (4), (5), (6) e (14) remetem aos aspectos históricos, sociais e ideológicos que visam desprestigiar a imagem da mulher, em vista de um histórico marcado pela era escravista e pela supremacia branca, em que os negros eram tidos como inferiores enquanto os brancos superiores e bem vistos. No comentário de número (14), mesmo sendo uma pergunta e sem a presença explícita de palavras que se refiram à cor da pele da mulher negra, faz-se valer o tom e a relação deste comentário com o contexto em que está inserido, revelando juízo de valor negativo.

Especificamente em (6), é visto que a expressão “de luto” funciona como um sinônimo contextual dentro deste discurso racista, uma vez que foi empregado visando atacar, com juízo de valor negativo, a jornalista, associando a cor preta das vestimentas habitualmente utilizadas em períodos de luto à cor da pele de Maria Júlia. É perceptível o

emprego da palavra “macaca”, em todos os comentários que os utilizam (1), (3) e (9), como um modo de os sujeitos discursivos referirem-se de maneira depreciativa às pessoas negras. Baseando-se nisso, outros enunciados que remetem a esses, está nos comentários de números (4) e (12), no momento em que as palavras, respectivamente, “banana” e “zoológico” são empregadas no sentido de relacionar as famosas novamente aos animais selvagens.

Essa relação, frequentemente observada, em que os sujeitos designam o negro como “macaco”, vai muito além da simples comparação fisionômica, pois é formação ideológica advinda inicialmente da concepção evolucionista, por Darwin (1809-1882), o qual defende a teoria de que os ancestrais dos seres humanos foram macacos grandes. Posteriormente, a ciência propõe mudanças e acréscimos nesta concepção, mas na visão do europeu, ele estava mais distante do primata do que o africano, fazendo surgir a diferença entre ambos. O criacionismo, então, vai de embate a teoria Darwinista, mas antigas comparações e interpretações errôneas pelos brancos em relação à aproximação dos negros com os primatas são contínuas, até que, ainda na modernidade, essas comparações são reforçadas, mas agora, de ponto de vista fisionômico e equivocado, pois se fosse de fato analisada a fisionomia, apenas os pêlos dos macacos são pretos, a pele é

branca, os lábios são finos, os glúteos são pequenos etc, o que deveria ser comparado e relacionado às características do branco, e não do negro (BELCHIOR, 2014).

Numa outra perspectiva de análises das sequências discursivas, os sujeitos assumem posições ideológicas de repúdio às características físicas que dão identidade à raça negra e fazem automaticamente com que se possa recorrer a outro conceito da AD: a interdiscursividade, para refletir como o discurso racista e o discurso sobre diversidade fundem-se no enunciado discursivo. É válido ressaltar que, ao criticarem os cabelos crespos característicos do negro, o que pode ser observado nos comentários (10) e (13), os sujeitos depreciam a identidade a que os cabelos remetem, sempre relacionando-os com a situação de cabelo ruim ou de má qualidade. Essas sequências discursivas também remetem à condição do trabalho servil e ao fato dessa condição estar tradicionalmente condicionada às classes mais baixas e serem vistas como função da minoria, uma vez que relacionam seus cabelos a esfregões e ao ato de lavar as louças.

Em (11), ao se mencionar a palavra senzala, o sujeito retoma o fator histórico que caracteriza o período da escravidão e o utiliza como artifício para aviltar a atriz. Este resgate, possibilitado pela memória discursiva, abre espaço para se refletir sobre os efeitos de sentido

produzidos, visto que “preta macaca”, “parafuso enferrujado” e “senzala” são, respectivamente, sinônimos de outros enunciados também coletados para análise, como: “o alimento favorito desta negra é uma banana?”, “cabelo de esfregão” e “zoológico”, caracterizando-se também como efeito metafórico, nos quais “senzala” e “zoológico” se relacionam uma vez que são designados como locais para os quais estas mulheres deveriam voltar.

A respeito dos efeitos metafóricos que se formam em dada família parafrástica, Pêcheux (1969, p. 96 *apud* MUSSALIM, 2004, p. 372) cita:

Chamaremos *efeito metafórico* e fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual, para lembrar que esse “deslizamento de sentido” entre *x* e *y* é constitutivo do “sentido” designado por *x* e *y*; esse efeito é característico dos sistemas linguísticos “naturais”, por oposição aos códigos e às “línguas artificiais”, em que sentido é fixado em relação a uma metalíngua “natural”.

Assim, ao se levar em consideração os itens lexicais presentes nas sequências discursivas supracitadas, é possível perceber que a presença dos conceitos efeito de sentido e família parafrástica estão inter-relacionadas, já que palavras com significados distintos como “luto, preta e macaca”, são empregadas para prejudicar essas mulheres e conseqüentemente são sinonímias umas das outras, uma vez que

os sujeitos discursivos em suas sequências discursivas, recorrem ao uso destas, produzindo um mesmo efeito de sentido.

Da mesma forma, outras famílias parafrásticas puderam ser observadas. Tais como nas expressões “cabelo de parafuso enferrujado; lavar louça com esse cabelo; e cabelo de esfregão” que podem ser agrupadas em um só grupo de família parafrástica por produzirem os mesmos efeitos de sentido e serem também sinônimas uma das outras no que se trata das críticas relacionadas aos cabelos cacheados/crespos de Maju e Taís.

Conclusiones

Marcados por novos termos e expressões de identidade virtual, esses comentários trazem em si indícios ideológicos e sociais dos sujeitos enunciadorees, além de vestígios históricos de uma sociedade marcada pela escravatura, pelo patriarcado e pelo machismo. Um dos resultados levantados é o de que, no *corpus* analisado, o discurso racista e o discurso machista fundem-se em enunciados proferidos por sujeitos que, condicionados por um longo histórico escravocrata e uma sociedade tradicionalmente patriarcal, a um só tempo, parecem pretender desvalorizar a imagem da famosa tanto por ser negra quanto por ser mulher.

Nesse sentido, pode-se identificar dentre as condições de produção que favoreceram a circulação dos comentários analisados, as ações feministas, defensoras da liberdade da mulher, além do reconhecimento e da exposição das artistas em suas profissões, assim como a liberdade de todas as raças, tanto no âmbito pessoal quanto profissional, de ocupar todo e qualquer lugar na sociedade e ter reconhecimento em razão disso.

Os discursos que foram recorrentes no ano de 2015 referentes à luta contra o racismo e ao preconceito contra as mulheres vão contra os discursos tradicionais que privilegiam o homem branco e também são exemplos de possíveis motivos para a série de ataques registrados naquele ano.

É importante evidenciar que os sujeitos discursivos que anunciam por meio dos comentários buscam prejudicar a imagem destas famosas, utilizando palavras agressivas e tendenciosas, identificadas nos comentários expostos a cima, tais quais “preta, macaca, banana, luto, cabelo de parafuso enferrujado, cabelo de esfregão” e lugares “senzala e zoológico”, além das “cotas” como justificativa para estarem em suas atuais profissões de prestígio e reconhecimento.

Assim, expõem suas ideologias e posições preconceituosas e discriminatórias a respeito das atuais ocupações sociais e profissionais de sucesso das mulheres negras, revelando

juízos de valor negativos nos enunciados analisados e também pelo fato de nos dias atuais as pessoas negras poderem ocupar todo e qualquer ambiente, contrariando os fatores históricos que levaram ao preconceito racial e de gênero, reforçando a evidente e necessária ruptura com tais padrões.

Bibliografia

BELCHIOR, Douglas. “Xingar de macaco: uma pequena história de uma ideia racista”. **Cartacapital**, São Paulo, 29 abr. 2014. Disponível em: <<http://negobelchior.cartacapital.com.br/xingar-de-macaco-uma-pequena-historia-de-uma-ideia-racista/>>. 2014. Acesso em: 16 jul. 2017.

Courtine, J. (2009). *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos* (C. de Campos, Trad.). Velho Bircket et al. São Carlos: EDUFSCAR, 45-68.

DIJK, T. A. V. (2008). Brasil: lugares de negros e brancos na mídia. In: _____ (Org.). *Racismo e discurso na América Latina*. São Paulo: Contexto, 73-117.

FERNANDES, C. A. (2005). *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas.

MAINGUENEAU, D. (2015). *Discurso e análise do discurso*. Tradução Sírio Possenti. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 159-178.

MUSSALIM, F. (2004). Análise do discurso. In: _____; BENTES, A. C.

(Orgs.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 100-142.

ORLANDI, E. P. (orgs.). (2006). Análise de discurso. In: _____; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (Orgs.). *Discurso e textualidade*. Campinas: Pontes, 11- 31.

_____. (2012). *Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia*. Campinas: Pontes, 150-168.

PÊCHEUX, M. (1990). A análise do discurso: três épocas. In: GADET, F e HAK, T (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Pêcheux*. Campinas, Editora da UNICAMP, 307-315.

_____. (2011). Língua, linguagens, discurso. In: PIOVEZANI, C., SARGENTINI, V. (Orgs.). *Legados de Michel Pêcheux: inéditos em análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 63-75.

PÊCHEUX & FUCHS (1975). (1993). A propósito da Análise Automática do Discurso. In : GADET & HAK (org). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Ed. Unicamp, 163-252.

POSSENTI, S. Sobre a leitura: O que diz a análise do discurso? In: _____; MARINHO, M. (2001). (Orgs). *Ler e navegar: espaços e percursos de leitura*. Campinas: Mercado de Letras, Belo Horizonte: Ceale.

_____. (2004). In: MUSSALIM, F., BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 353-392.